

## POVEIROS

Quando, ao romper do dia,  
A companha se avista à proa  
Das ondas, logo à porfia  
Orações ao céu entoa.

O pescado fervilha, então.  
Nas pobres redes de manha.  
Tudo o que o mar dá é bom  
À mesa de quem trabalha.

Andam no ar os pregões,  
O sal prende-se à voz.  
Pelo bater dos corações,  
Encordoam-se os braços de nós.

Atrás das saias das mães,  
Esconde o rosto a filharada,  
Entre a vozeria, os cães  
Uivam por tudo e por nada.

À distância, a estacaria  
Cerca pilhas de sargaço.  
Quantos mortos levaria  
O mar, mortos de cansaço?

Em seu luto, embiocadas,  
Rezam as velhas sem tino,  
Pelas almas sufragadas  
Nos naufrágios do destino.

Gaivotas sobem aos mastros,  
Esperam pelo fim da jornada,  
Proteja Deus quem aos astros  
Pede a hora da chegada.

São José de Ribamar,  
Nossa Senhora da Guia,  
Trazei-os de volta ao lar  
Dai-lhes o pão de cada dia.



## NEBLINA SOBRE O MAR

Neblina sobre o mar.

Por todo o horizonte, inteira  
e nua, a fina poalha doirada  
na tarde íntima se insinua.

Cobre-nos com cabelos de mulher,  
os longos cabelos da amada  
- e nem a aresta mais viva  
do tempo nos fere com sua espada.

Neblina sobre o mar.  
Sobre a terra,  
a fantástica nitidez  
das casas desfocadas.

E apetece cantar: *“Era uma vez  
um reino de duendes e fadas,  
um país de palácios de sol  
e praias eternas  
pelos deuses habitadas”*.

José Carlos de Vasconcelos – *O mar a mar a Póvoa: poemas.*



## CHAMAMENTO

Da margem do sonho  
e do outro lado do mar  
alguém me estremece  
sem me alcançar.

Um bafo de desejo  
chega, vago, até mim.  
Perfume delido  
de impossível jasmim.

É ele que me sonha?  
Sou eu a sonhar?  
Sabê-lo seria  
desfazer, no vento,  
tranças de luar.

Nuvens,  
barcos,  
espumas  
desmancham-se na noite.

E a vida lateja, longe,  
num outro lugar.

Luísa Dacosta – *A maresia e o sargaço dos dias.*

